

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS NO SINDICATO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE PELOTAS

TATIELE BEATRIZ DANEMBERG DE OLIVEIRA LEAL¹; RODAIKA XAVIER SERRATE²; JOÃO DORNELES RAMOS³

¹ Universidade Federal de Pelotas – tatieled12@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – rodaikax@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – jodorneles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho etnográfico tem como objetivo compreender os desafios enfrentados na valorização do trabalho doméstico na atualidade, bem como analisar o senso de coletividade e a importância do Sindicato das Empregadas Domésticas de Pelotas para a defesa e organização dessa categoria. Trata-se, em sua maioria, de mulheres negras que deixam seus próprios lares para se dedicar às casas e ao cuidado de seus empregadores, realizando atividades diversas, muitas vezes sem nenhuma proteção formal ou tendo seus direitos trabalhistas garantidos.

O trabalho doméstico no Brasil está fortemente marcado pela herança escravocrata, visível nas recorrentes tentativas de exploração e na imposição da informalidade deste ofício, algo que é bastante persistente. A conquista de direitos para as trabalhadoras domésticas foi tardia, com marcos recentes, como a PEC das Domésticas (2013) e a Lei Complementar nº 150 (2015). Apesar disso, ainda hoje três em cada quatro trabalhadoras estão na informalidade (IBGE, 2023).

A organização sindical é, portanto, uma resposta histórica a esse processo. Em Pelotas, esta mobilização remonta a 1978, com a criação da Associação das Trabalhadoras Domésticas, transformada em Sindicato em 1989, sob a liderança de Iolanda Prestes da Rosa. Atualmente, o sindicato se consolidou como espaço de acolhimento, orientação e luta. Neste trabalho, destacamos como esse espaço também atua na construção da identidade coletiva, nas práticas de solidariedade e em formas de resistência frente às desigualdades interseccionais de raça, gênero e classe.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida na sede do Sindicato das Empregadas Domésticas de Pelotas, utilizando técnicas clássicas da Antropologia, como a observação participante, a realização de entrevistas semiestruturadas e de registros fotográficos e audiovisuais. Vale ressaltar que as discentes envolvidas nesta pesquisa elaboraram uma observação etnográfica junto ao Sindicato para um exercício de transposição didática proposto na disciplina de Antropologia I, do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFPEL. Neste contexto, aprendemos com Clifford GEERTZ (2008) que o trabalho de campo deve ir além da simples descrição de eventos, buscando alcançar os significados culturais que os sujeitos constroem e mobilizam em suas interações cotidianas.

Foram realizadas, portanto, duas atividades principais: uma entrevista, feita em 25 de junho de 2025, com a diretora de formação do Sindicato, a senhora Ernestina dos Santos Pereira, que atua há mais de 36 anos neste espaço. Seu

relato trouxe várias reflexões sobre a busca por direitos às trabalhadoras domésticas, a precarização do trabalho e as diferentes estratégias coletivas de lutas encontradas pela classe trabalhadora.

Além disso, estivemos presentes numa oficina de tranças africanas e turbantes, que foi realizada em 12 de julho de 2025 e que reuniu cerca de dezesseis participantes, incluindo trabalhadoras, seus familiares e as pesquisadoras da Universidade. A participação nesta atividade foi central para observarmos a dimensão cultural e a construção identitária da resistência negra junto ao Sindicato.

Também, em campo, foi identificado que o Sindicato realiza reuniões semanais e muitas outras atividades, como rodas de conversa, evidenciando o cotidiano organizativo do grupo. A escolha desses momentos para a efetivação do trabalho de campo etnográfico se deu por sua relevância em articular dimensões práticas (como o debate sobre direitos e demandas jurídicas) e simbólicas (relacionando alguns dos conceitos que aprendemos na disciplina de Antropologia I, como cultura, identidade racial e relativismo cultural).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Sindicato das Empregadas Domésticas atua como um importante espaço multifuncional de luta política, acolhimento social e de construção cultural identitária. As trabalhadoras encontram, ali, apoio jurídico para suas questões trabalhistas, mas também possuem um lugar para compartilhar suas experiências e para fortalecer os laços de solidariedade classista: “a maioria da nossa classe trabalhadora que põe a cara, é negra, a grande maioria são mulheres negras. Trabalhavam sem nem uma carteira assinada, somos herança viva de uma sociedade escravocrata onde hoje ainda vemos pessoas trabalhando sem documentos nem salário em situação de escravidão” (ERNESTINA, 2025).

O caso de uma demissão irregular, que foi relatado em uma das entrevistas que realizamos, onde a trabalhadora não recebeu seus direitos após ter feito oito anos de serviço, evidencia a vulnerabilidade jurídica em que se encontra esta categoria. Além disso, elas consideram que a prática de formalização de emprego via a modalidade de Microempreendedor Individual, o MEI, ainda comum em várias situações, nos mostra a complexidade das formas de exploração contemporânea e agrava a problemática da permanência e conquista de direitos.

Do ponto de vista da análise sobre o relativismo cultural, vimos que as atividades realizadas no Sindicato, como a oficina de tranças africanas, reforçam a valorização da identidade negra, funcionando como uma das estratégias de fortalecimento coletivo e de referência de resistência. Essa dimensão nos remete às reflexões que apreendemos do estudo sobre as etnografias da antropóloga afro-americana Zora Neale HURSTON (2021), que destacou, em seus trabalhos de pesquisa realizados no início dos anos 1900, a oralidade e a cultura como formas de resistência das populações negras. Assim como demonstrou Hurston (BASQUES, 2021), este trabalho de pesquisa evidencia que as narrativas das trabalhadoras domésticas entrevistadas não são apenas relatos individuais e/ou subjetivos, mas atos políticos que reafirmam a dignidade e a coletividade.

Além de Hurston, autoras como Angela DAVIS (2016) e Heleieth SAFFIOTI (1976) nos ajudam a compreender a intersecção entre gênero, raça e trabalho. A primeira, ressalta como o trabalho doméstico, historicamente, recai sobre as mulheres negras, enquanto resquícios do período escravista. Já a segunda autora analisa as desigualdades estruturais presentes no trabalho feminino, seja o doméstico como os que ocorrem nas empresas e outras instituições. O sindicato,

nesse sentido, se mostra como um espaço de resistência concreta frente a um sistema que, historicamente, precariza essas mulheres em suas relações de trabalho.

Como fruto dessa aproximação com o Sindicato e das trocas estabelecidas ao longo da pesquisa, elaboramos uma transposição didática, enquanto proposta da disciplina Antropologia I em consonância com a de Extensão e Sociedade I, a qual foi elaborada em formato de uma História em Quadrinhos (HQ), com o objetivo de tornar mais acessíveis e amplificarmos as vozes e experiências das trabalhadoras domésticas que nos receberam para a realização da pesquisa, reafirmando o caráter político e pedagógico dessa produção coletiva. Este material da transposição didática também poderá ser disponibilizado tanto ao Sindicato como a escolas da rede municipal, futuramente, no intuito de ressoar as reivindicações destas trabalhadoras e apresentar para a comunidade a importância desta organização para a luta por direitos.

4. CONCLUSÕES

A etnografia que fizemos revelou que o Sindicato das Empregadas Domésticas de Pelotas vai além de uma estrutura burocrática: é um espaço vivo de resistência. Nele, as trabalhadoras constroem senso de coletividade, lutam por direitos e reafirmam a sua identidade negra e feminina, observando a importância de valorizar os trabalhos das mulheres que vieram antes de nós. Apesar dos avanços legais, a realidade destas mulheres ainda é de informalidade e precarização.

A principal contribuição deste estudo é mostrar que, mais do que reivindicações jurídicas e de aspectos da legislação, a luta das trabalhadoras domésticas passa pela valorização cultural e pela produção de solidariedade de classe, raça e gênero. Inspiradas por HURSTON (2021), mas também colocando sua obra em diálogo com as pesquisas de DAVIS (2016) e SAFFIOTI (1976), destacamos a necessidade de a Universidade e a sociedade como um todo reconhecer essas vozes como protagonistas da transformação social.

Consideramos que o fortalecimento das organizações de base, a criação de políticas públicas específicas e o combate à informalidade do trabalho doméstico são passos fundamentais para que as conquistas legais se tornem realidade no cotidiano dessas mulheres. Esperamos que trabalhos de pesquisa neste sentido possam auxiliar na dinâmica de construção de políticas públicas e de legislações pertinentes a este contexto, apoiando as lutas cotidianas das trabalhadoras domésticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HURSTON, Z. N. O que os editores brancos não publicarão (tradução). In: BASQUES, M. (Org.). **Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais**. Ayé: *Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 102-111, 2021.

HURSTON, Z. N. **Olualê Kossola, as palavras do último homem negro escravizado**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 09 ago. 2025.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL (MDS). **Estudo sobre condições das trabalhadoras domésticas no Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mds>. Acesso em: 09 ago. 2025.

SAFFIOTI, H. I. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 72, de 2 de julho de 2013**. Institui o reconhecimento constitucional do trabalho doméstico.

BRASIL. **Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015**. Regulamenta o trabalho doméstico.